

Normal, Anormal e Patológico no Pensamento Médico de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)

Normal, Anormal et Pathologique dans la Pensée Médicale de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i19.46898>

Ana Cláudia Costa Pereira

Universidade Federal de Goiás (UFG)

<https://orcid.org/0000-0003-3035-8428>

ana.c.bjj@gmail.com

Como citar:

COSTA, Ana Cláudia Pereira. Normal, Anormal e Patológico no Pensamento Médico de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). *História, Histórias*, Brasília, v. 10, n. 19, jan./jun. 2022.

Resumo

A partir das categorias de “normal”, “anormal” e “patológico”, trabalhadas por George Canguilhem e Michel Foucault, analisamos a atuação e produção do médico Nina Rodrigues e suas preocupações sobre a raça do ponto de vista da medicina. Essa abordagem possibilita compreender como a questão do negro e dos mestiços no Brasil no final do século XIX foi tratada por Nina Rodrigues como objetos científicos, a partir da teoria biológica da degeneração e das teorias antropológicas evolucionistas.

Palavras-chave

Negro; Mestiço; Patológico.

Résumé

À partir des catégories du normal, de l'anormal et du pathologique, analysées par Georges Canguilhem et Michel Foucault, nous nous examinons l'œuvre de Nina Rodrigues et ses préoccupations relatives à la race sous l'angle de la médecine. Cette approche permet de comprendre comment le problème des Noirs et des métis au Brésil à la fin du XIX^{ème} siècle a été traité en tant des objets scientifiques par Nina Rodrigues sur la base de la théorie biologique de la dégénération et des théories anthropologiques évolutionnistes.

Mots-clés

Noir; Métisse; Pathologique.

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), é um autor importante quando tencionamos trabalhar as relações que se estabeleceram entre ciência e sociedade no Brasil do século XIX, sobretudo se levarmos em consideração que tanto historiadores quanto memorialistas da medicina atribuem a ele um papel de destaque na constituição da especialidade médico legal no Brasil, como prática e disciplina científica. Pertencente a um contexto em que tanto as ciências humanas quanto as ciências da vida partiam de um modelo racial de análise, Raimundo Nina Rodrigues, realizou seus estudos pautado nos novos ideais científicos concernentes ao campo intelectual europeu, cujas abordagens tornaram-se suportes teóricos fundamentais para pensar a sociedade brasileira e, portanto, a sua formação heterogênea. A influência daquelas ideias no campo médico pode ser percebida, por exemplo, na Bahia, onde se destacaram os estudos sobre a questão racial¹. Na segunda metade do século XIX, esse estado presenciou um ativo processo de organização do campo médico, o alargamento do periodismo médico e a instauração de associações profissionais. É dentro de um quadro incipiente de delimitação, tanto da esfera de atuação da medicina quanto do processo de especialização no interior deste campo, que Nina Rodrigues vai produzir e atuar.² Sua carreira acadêmica foi marcada pela Faculdade de Medicina da Bahia, instituição que substituiu a antiga Escola Médico-Cirúrgica da Bahia, sendo frequentemente associado ao grupo de médicos posteriormente denominado “Escola Tropicalista Baiana”.³ Desta forma, como bem analisa a antropóloga Mariza Corrêa, Nina Rodrigues situa-se em um momento em que, ao definirem-se como “observadores da realidade nacional, e como seus críticos imparciais, os intelectuais brasileiros desse período, ao mesmo tempo em que definem o restante da população como seus objetos privilegiados de análise, se constituíam também como categoria social”⁴.

1 Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

2 Cf. MAIO, Marcos C. *A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, abr./jun. 1995.

3 É importante frisar que a Escola Tropicalista Baiana “não se constituiu como uma instituição de ensino formal, mas como um grupo de médicos estabelecidos na Bahia que se dedicaram à prática de uma medicina voltada para a pesquisa da etiologia das doenças tropicais que acometiam as populações pobres do país, principalmente os negros escravos” (*In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil [1832-1930]*. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. dichistoriasaude.coc.fiocruz.br). Para uma discussão historiográfica, ver: EDLER, F. C. *A Escola Tropicalista Baiana: Um Mito de Origem da Medicina Tropical no Brasil*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 357-85, maio-ago. 2002. Já sobre o papel desses médicos como intelectuais preocupados com a interpretação social do Brasil, cf. HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (org.). *Médicos Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2017.

4 CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. 2. ed. Bragança Paulista, EDUSF, 2001.

Enquanto pesquisador e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues desenvolveu trabalhos científicos no campo de três áreas do saber: a medicina legal, a antropologia e a psiquiatria. Produziu uma série de artigos que foram veiculados em periódicos médicos e ocupou cargos academicamente importantes, participando também da Comissão de reforma do estatuto da Faculdade onde atuou e de debates no legislativo a respeito da organização de serviços sanitários no Estado. Sua produção aborda temas desde epidemias, casos clínicos, higiene pública e, o que nos interessa mais enfaticamente, a questão racial. Convém alertar que dificilmente se pode estabelecer uma classificação precisa sobre esses temas com o objetivo de agrupá-los, pois muitos de seus trabalhos tratam temas específicos de forma conjunta.

É interessante destacar que Nina Rodrigues esteve motivado inicialmente em estudar as doenças e suas possíveis variações étnicas. Ele acabou por ampliar seus estudos para outro campo: o psicopatológico. A partir disso, passou a investigar as consequências que essas mesmas variações trariam ao funcionamento mental e à imputabilidade penal de negros e mestiços brasileiros. Nina Rodrigues, contextualiza o estudo da psiquiatria no Brasil com a reforma do ensino médico de 1822, e a atuação de Teixeira Brandão como catedrático no Rio de Janeiro e encarregado do serviço clínico do Hospital Nacional de Alienados, chamando a atenção para a formação de uma “escola psiquiátrica fluminense”⁵. Nesta os representantes seriam discípulos de Brandão e trariam o tema da paranoia nos negros em linhas gerais da mesma forma: “uma concepção restrita e insuficiente”. Além de Teixeira Brandão, Nina Rodrigues referia-se aos alienistas Henrique Roxo e Marcio Nery, no Rio de Janeiro, e Franco da Rocha, em São Paulo. Destacando a ausência de publicações no Brasil sobre a paranoia dos negros, excetuando o ensaio de Franco da Rocha, *Loucura nos Negros*⁶, Nina Rodrigues resume as opiniões de seus colegas alienistas problematizando suas concepções sobre o tema.

Outras produções do médico que chamam bastante atenção são referentes à medicina legal. De modo que a ativa produção nessa área pode ser percebida em publicações em revistas nacionais e estrangeiras de prestígio acadêmico, cujos temas de análise destacavam-se o negro e os “mestiços” do ponto de vista psicológico, fazendo destes seus objetos privilegiados.

5 RODRIGUES, Raimundo Nina. A Paranoia nos Negros: Estudo Clínico e Médico-Legal. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. VII, n. 2, p. 161-178, jun. 2004.

6 RODRIGUES, 2004.

Isso pode ser constatado, sobretudo, ao observarmos que a organização dos serviços médico-legais adentrava as preocupações de Nina Rodrigues. Este campo tornou-se um dos eixos centrais de sua atuação a partir da década de 1890, período em que travou discussões sobre a legislação civil e penal brasileira, além de alargar o debate para a relevância do ensino prático da medicina legal na faculdade. A prática pericial deveria ser caracterizada pelo seu rigor científico, merecendo atenção especial do exercício jurídico, uma vez que iluminaria muitos dos processos criminais que a justiça deveria solucionar. No entanto, para isso era preciso um profissional qualificado não só tecnicamente, mas apto a identificar as possíveis causas que levariam à criminalidade. Isso dependeria, por exemplo, de um exame psicológico ou uma análise criminológica para a qual seria preciso conhecer os tipos raciais brasileiros – avaliação que permitiria verificar se tratava de um indivíduo degenerado ou se apresentava estigmas de degeneração. Ao abordar essa perspectiva médica sobre a sociedade e que consideramos pertinente tratar das categorias de normal, anormal e patológico.

Isso justifica-se porque em outro momento⁷ analisamos mais detidamente alguns trabalhos de Nina Rodrigues a partir de temas como o *normal* e o *patológico*, os *anormais*, o *normal* e as *normas* e o processo de *normalização*, centrais para o chamado “estilo francês” de história da medicina, notadamente nos trabalhos de Georges Canguilhem e de Michel Foucault. Defendemos, naquela ocasião, que, seja para a análise da relação entre medicina e judiciário - com seu poder de estabelecer normas e, portanto, de normatizar-, seja para a compreensão da atuação do campo médico na definição de saúde/doença, normal/patológico e na elaboração de políticas públicas em torno dessas oposições ou para a análise histórico-epistemológica da constituição da categoria de “anormal”, os conceitos e categorias de análise elaborados por Canguilhem e Foucault, permitem elucidar no período em que Nina Rodrigues estava inserido, não só a relação complexa entre rupturas e permanências com acontecimentos que modificaram a estrutura da organização social e dos saberes, como também compreender quais diferentes estratégias científicas foram elaboradas, debatidas e legitimadas.

Os estudos canguilhemiano/foucaultiano, portanto, são úteis para o nosso trabalho à medida que podemos avaliar noções naturalizadas do que se entende por normal, anormal e patológico na medicina do século XIX, especificamente nos trabalhos do nosso médico.

7 Ver: PEREIRA, Ana Cláudia Costa. Negros e Mestiços no Pensamento Médico de Nina Rodrigues. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022.

A análise médica de Nina Rodrigues

Se a anormalidade tem um tipo antropológico privilegiado, a patologia parece assombrá-lo recorrentemente. É o que Nina Rodrigues acredita comprovar em suas observações. Analisados do ponto de vista da raça, para o autor os mestiços são instáveis e por esse motivo propícios aos males das suas raças originárias. Em seu texto *Os Mestiços Brasileiros*, publicado pela primeira vez no *Brazil-Médico*, em 1890⁸, teve como objetivo estabelecer uma classificação rigorosa para a população brasileira, sobretudo, dos mestiços. Nina Rodrigues, ao mencionar alguns trabalhos de colegas sobre a preocupação com a influência da raça negra em suas investigações médicas, destaca como a ideia de uma reação patológica distinta conforme o tipo antropológico que compõe a sociedade brasileira tinha profundas “raízes na consciência do nosso público profissional”.⁹ Dessa forma, o mestiçamento da população brasileira apresentava-se como um obstáculo por não se tratar ainda de uma “individualidade antropológica”¹⁰, pois:

Na fase em que se acha a constituição da nossa população, se já é lícito falar-se de uma individuação mestiça como produto histórico, não é permitido aceitar ainda a existência de um grupo etnológico único passível de uniformidade na manifestação de um caráter antropológico do valor das aptidões mórbidas.¹¹

Tratando-se do problema do que o autor chama de etnologia patológica, e da impossibilidade de aceitar uma uniformidade quanto às “aptidões mórbidas” no cruzamento de raças, Rodrigues vai contestar a forma como aparece nas estatísticas médicas a classificação dos brasileiros restritas entre brancos, pardos e pretos. Para o médico:

Incluir, com efeito, num mesmo grupo de pardos ou mestiços não só os mulatos, mestiços do branco com o negro, como os mamelucos, mestiços do branco com o índio e os mulatos que voltam ao negro, não é somente fazer uma classificação de todo

8 Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Mestiços Brasileiros*. *Brazil-Médico*, Rio de Janeiro, fev.-mar. 1890. O texto também pode ser encontrado na coletânea organizada por Arthur Ramos. Edição que utilizamos aqui como fonte principal. Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os Mestiços Brasileiros*. In: RODRIGUES, Raimundo Nina. *As Coletividades Anormais*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006, p. 127-138.

9 RODRIGUES, 2006, p. 128.

10 RODRIGUES, 2006, p. 128.

11 RODRIGUES, 2006, p. 128.

ponto artificial e arbitrária, é negar previamente, como fator etiológico, todo valor a semelhante discriminação de raças.¹²

A crítica de Nina Rodrigues direciona-se principalmente para a maioria das estatísticas hospitalares e clínicas de ensinos das faculdades de medicina que adotam essa divisão. Para demonstrar o problema dessa metodologia, o médico parte de uma análise dos caracteres patológicos identificados em estudos de seus colegas que levaram em consideração essa divisão. Ele recorre aos estudos do Dr. José Moura¹³, a quem, segundo ele, a questão da influência patológica nas diferentes raças também chama atenção, levantando o problema das variações do campo visual de acordo com as diversas raças nacionais. Em diálogo com outro par, Dr. Paula Rodrigues¹⁴, sobre a estatística da frequência do glaucoma¹⁵, apresentada desta forma:

Sobre 154 glaucomatosos eram:

brancos	52
mestiços	35
pretos	67

o que dá a seguinte proporção centesimal:

brancos	1,98%
mestiços	4,18%
pretos	12,38% ¹⁶

A discussão que interessa Rodrigues sobre a temática é, especificamente, a frequência do glaucoma nos mestiços brasileiros nessa distribuição, a qual ele considera insuficiente para análise mesmo se declarados os mestiços de branco ou de negro – pois inclui-se aí a denominada “raça americana”, cuja

12 RODRIGUES, 2006, p. 129.

13 José Cardoso de Moura Brasil (1849-1928) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em novembro de 1872, defendendo a tese *Tratamento Cirúrgico da Catarata*. Desde 1876, durante mais de cinco décadas, exerceu a clínica oftalmológica na cidade do Rio de Janeiro. Durante sua vida, manteve relações profissionais com importantes oculistas, frequentando clínicas de Londres e Viena a cargo de renomados oftalmologistas e ocupando cargo de chefe de clínica do professor De Wecker, em Paris. Ver: anm.org.br/jose-cardoso-de-moura-brasil.

14 Francisco de Paula Rodrigues (1863 –) formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde colou grau de doutor com a tese *Glaucoma*, de 1887. Além de dedicar-se ao campo da oftalmologia, ocupou cargos importantes durante sua vida; foi chefe de clínica do professor Wecker, em Paris, e de Moura Brasil, no Rio de Janeiro.

15 Glaucoma é uma doença ocular que tem como principal característica a elevação da pressão intraocular e pode comprometer a visão devido às lesões no nervo ótico.

16 RODRIGUES, 2006, p. 130.

frequência não aparece e, muito menos, sua distinção dos mestiços de raça africana. Desse modo, o problema apontado por Rodrigues consiste em não saber se a raça africana “transmitiu aos produtos do seu cruzamento com os brancos a predisposição de que goza para o glaucoma, ou se devemos atribuir aquela frequência acusada pela estatística à intervenção de uma predisposição análoga, ou mais forte ainda na raça não considerada”¹⁷.

A influência patológica nas diferentes raças e o problema das variações do campo visual como tema de discussão desses médicos nos permitem recuperar os estudos de Canguilhem, abordados em seu ensaio *O normal e o patológico*¹⁸, para avaliarmos o pensamento médico desses clínicos. Ao examinar em seu texto a tese, que repercutiu amplamente no século XIX, de que os fenômenos patológicos seriam apenas variações quantitativas, e não qualitativas, dos fenômenos normais do organismo, Canguilhem, mostra como se formou uma teoria que identifica “doença e saúde como variações quantitativas dos mesmos fenômenos fisiológicos.”¹⁹ Essa tese, que reconhece uma continuidade entre o normal e o patológico, acabou por corroborar com a ideia de que “a técnica seria aplicação da ciência, que a medicina seria aplicação dos conhecimentos fisiológicos.”²⁰ Com isso, se tornou possível afirmar a objetividade da patologia, que daria à racionalidade científica moderna uma forma bem particular de compreender a prática médica. A partir de então, a ideia de saúde seria equivalente ao mais frequente, ao habitual, à média, à frequência dos fenômenos quantitativos observados numa população, fazendo aparecer, no pensamento médico, como condição para o diagnóstico e para a terapêutica “verdadeiramente científicos” a exigência de produção de dados estatísticos sobre os fenômenos biológicos da população.

É em termos quantitativos e de frequência que Nina Rodrigues vai dialogar com seus pares para falar sobre as doenças da população brasileira, sendo nesse ponto que o debate canguilhemiano tem seu maior valor na nossa reflexão. A estatística da frequência do glaucoma, por exemplo, revela nesse caso, a objetividade que se tenta atribuir a esse levantamento. Esse pode ser considerado dentro do “normal” na população negra e mestiça, em termos de frequência, e de “patológico”, em termos de análise clínica. A questão do nosso problema não é negar a existência do glaucoma na avaliação médica,

17 RODRIGUES, 2006, p. 130.

18 Ver: CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

19 Ver: ALMEIDA, Tiago Santos. Canguilhem e o Pensamento Médico. In: MOTA, André e MARQUES, Maria C. da C. (org.). *História, Saúde Coletiva e Medicina: Questões Teórico- Metodológicas*. São Paulo: Hucitec, 2018, p. 217-249.

20 ALMEIDA, 2018, p. 226.

mas como as categorias de normal e patológico nessa análise tendem a se relacionar com algo que não diz respeito ao doente, no sentido da experiência patológica. Entretanto, também se associa com a doença e a “raça” do indivíduo, ou seja, a doença de fato existe, mas como ela é colocada diz mais sobre outra coisa: acerca do pensamento médico da época sobre o determinismo de uma condição patológica produto de “predisposição”.

Dessa forma, a necessidade da classificação dos mestiços para o autor tem seu valor à medida que esclarece questões médicas sobre a etiologia das doenças. Nina Rodrigues questiona-se, retoricamente:

Ou não há, de fato, nas três raças fundamentais e nem elas transmitiram aos produtos dos seus cruzamentos caracteres patológicos diferenciais de valor e em tal emergência cumpre deixar a questão toda inteira aos antropologistas, a fim de poupar a nós, médicos, o trabalho de uma discriminação perfeitamente inútil e sem significação, e a eles a confusão maior que lhes deve resultar desse modo de proceder. Ou tais caracteres existem realmente e por mais árdua que seja a solução do problema temos o dever de cooperar na elucidação de uma questão que afeta com a prática médica a mais estreita relação de dependência.²¹

Parece-nos que a relação estreita de dependência com a prática médica, foi na qual Nina Rodrigues apoiou-se, e acreditava. A questão referente à inexistência de caracteres patológicos diferenciais de valor que seriam transmitidos aos produtos dos cruzamentos das três raças fundamentais – segundo o autor, o negro, o branco e o índio – inviabilizaria o estudo médico e caberia deixar a questão à antropologia. No entanto, acreditando na possibilidade desse estudo e na verificação da sua hipótese, por meio de um trabalho de campo assíduo, Rodrigues, não só defendia a importância da questão racial nas investigações concernentes às doenças no Brasil e, portanto, médicas, como buscava na antropologia a elucidação dos problemas que levantava.

Reconhecendo a dificuldade na classificação da variedade de mestiçagem existente, Nina Rodrigues cria ser necessário “recorrer aos caracteres morfológicos, de acordo com os princípios por que se regem as classificações das raças puras”²². Dessa forma, o autor destaca a importância do caráter antropológico para estabelecer a filiação dos grupos que constituem a população brasileira e, assim, uma divisão com uma significação mais precisa das

21 RODRIGUES, 2006, p. 132.

22 RODRIGUES, 2006, p. 132.

denominações que são utilizadas. É a partir disso que distribui as raças em seis grupos: branco, negro, mulato, mameluco ou caboclo, cafuzo e pardo. Buscando apontar quais indivíduos pertenciam a qual grupo, a sua quantidade numérica, os subgrupos que formavam, e sua distribuição local, Nina Rodrigues conclui que o mestiçamento como o que estava em curso no país, levaria a um tipo de “mestiço médio”²³, tornando mais difícil diferenciar os critérios antropológicos das raças originárias. Apesar disso, para o autor:

O que nos preocupou sobretudo foi tornar inteligíveis as referências a todos os elementos antropológicos que concorrem na nossa população mestiça. E só nos parece exequível esse intento, desprezando pontos de vista secundários para reunir num mesmo grupo todos os indivíduos que oferecem a máxima dos caracteres morfológicos dos produtos tomados para tipos. Estes fomos buscá-los, não entre as prováveis combinações teóricas, mas ao que oferece a uma observação desprevenida o estado atual da população mestiça.²⁴

Nina Rodrigues esclarece de que forma foi possível estabelecer uma classificação da população mestiça, enfatizando suas próprias observações em contraposição a uma análise teórica sobre o tema. Observações essas que se apresentam fundamentais para o autor, devido a contribuição que acredita ter essas formulações para pensar as particularidades da nação, visto que:

Vai empenhado nessa tentativa o desejo de concorrer no departamento médico para o trabalho de individuação pátria, a que na esfera de outras manifestações tanto se têm outros dedicado, salientando-se na literatura os esforços do Sr. Sílvio Romero.²⁵

A atenção dada por Rodrigues às questões sociais, sobretudo no que toca à saúde, à doença e à criminalidade, perpassa o interesse de colaborar, assim como muitos de seus contemporâneos, a construir a nação; ou, pelo menos, uma nação ideal. Para isso, precisava determinar o mais “cientificamente” possível, do ponto de vista médico, o diagnóstico da sociedade:

Nos reste a satisfação de não ter sido de todo errada a apreciação exata do meio mais propício para a consecução desse fim, e serão estas as bases de um estudo metódico dos caracteres

23 RODRIGUES, 2006, p. 137.

24 RODRIGUES, 2006, p. 137.

25 RODRIGUES, 2006, p. 138.

patológicos das raças brasileiras a que faremos servir todas as contribuições prestadas pelos clínicos do nosso país. Teremos por modelo na caracterização dos grupos mestiços as instruções antropológicas de Broca.²⁶

A colocação final merece especial atenção, uma vez que é por meio deste modelo de identificação que Rodrigues marca a anormalidade sobre a qual se debruçou ao discutir a relação entre as raças humanas e sua responsabilidade penal. Em outro estudo, em que o médico atrela infração à raça, podemos perceber como a constituição do problema científico da relação mestiçagem-degeneração-crime, ou das anomalias mentais da raça negra, tais como a paranoia e o atavismo psíquico, estão associadas à existência de determinada economia moral das ciências que permitiu a construção de um discurso do anormal que o naturaliza ao mesmo tempo que o “patologiza”.²⁷

O texto *Mestiçagem, Degenerescência e Crime*²⁸, por exemplo, expõe uma pesquisa de campo que busca observar a questão da mestiçagem, tida como um problema biológico; ao realizar essas observações em pequenas localidades, o médico busca estudar em quais delas é possível distinguir as “diferentes causas degenerativas, dado que a população local não se distingue em nada do tipo médio geral da província ou estado; e complementar o estudo da capacidade social da população através do exame de sua capacidade biológica escalonada sobre sua história médica”²⁹. Definindo a mestiçagem como um “problema biológico dos mais apaixonantes intelectualmente e que tem o dom especial de suscitar sempre as discussões mais ardentes”³⁰, o médico localizava a questão no debate sobre a origem da espécie humana, destacando como “o critério de viabilidade e de capacidade dos mestiços foi posto no

26 RODRIGUES, 2006, p. 138.

27 Essa palavra é uma informalidade que adotamos para expressar a ideia na frase. Ela vem do verbo transitivo “patologizar”.

28 Publicado originalmente com o título *Métissage, Dégénérescence et Crime*, nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*, v. 14, n. 83, 1899. O texto referenciado aqui apresenta tradução de Mariza Corrêa. De acordo com nota da tradutora, e como podemos verificar: o “exemplar usado para esta tradução, cópia do existente na Faculdade de Medicina da Bahia, trazia uma dedicatória em francês, manuscrita, para Alfredo Britto, na qual só é legível a palavra amitié, assinada por Nina Rodrigues e com a data de 10 de janeiro de 1900. Abaixo, a informação sobre a editora: Lyon, A. Storck & Cie, Imprimeurs-Éditeurs; e a data.” Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Métissage, Dégénérescence et Crime. Archives d'Anthropologie Criminelle*. Lyon, 1899; e também: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Mestiçagem, Degenerescência e Crime. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151-1182, out.-dez. 2008.

29 RODRIGUES, 2008, p. 1.153.

30 RODRIGUES, 2008, p. 1.151.

terreno das ciências naturais”³¹ Ao enfatizar a posição conferida à mestiçagem da América Latina e os trabalhos desenvolvidos sobre o tema, fala:

No trabalho que publicou em 1855, Gobineau já fazia um quadro bem negro da decadência dos mestiços sul-americanos. Mas em 1861, Quatrefages invocava, precisamente contra ele, o exemplo da América do Sul a favor do sucesso completo da mestiçagem e punha em relevo a intrepidez e a energia da empresa dos paulistas brasileiros. Mais tarde, em 1863, é Agassiz que por sua vez vê a mestiçagem como a causa fundamental da decadência miserável dos mestiços do vale amazônico. Sem ir mais longe, recentemente vemos Gustave Le Bon considerar as repúblicas sul-americanas a prova incontestável da influência social desastrosa dos mestiços, ao passo que Keane os apresenta como a prova não menos conclusiva das vantagens da mestiçagem.³²

Apesar disso, para Nina Rodrigues, esses estudos demonstram a necessidade de uma “observação direta e imediata”³³ para solucionar o problema da influência da mestiçagem, levando em consideração as conclusões – bastante discutíveis – feitas até aquele momento. Para isso, Nina Rodrigues dedica-se a analisar uma localidade chamada Serrinha, situada no estado da Bahia. A escolha se deve a existência de mestiços brasileiros “capaz de oferecer esperanças de futuro”³⁴. Afirmção que o médico não acredita se sustentar como parece, e por esse motivo:

Degenerescência. Propus-me a verificar se esta população, que sob todos os aspectos não se separa nem se distingue do tipo médio da população mestiça do estado, tinha o vigor, a atividade que podemos esperar de uma população nova, saudável e fortificada pelo cruzamento.

A tendência à degenerescência é, ao contrário, tão acentuada aqui quanto poderia ser num povo decadente e esgotado. A propensão às doenças mentais, às afecções graves do sistema nervo-

31 RODRIGUES, 2008, p. 1151

32 RODRIGUES, 2008, p. 1.153. Nina Rodrigues refere-se em nota sobre os trabalhos de Arthur de Gobineau, *Essai sur l'Inégalité des Races Humaines* (Paris, 1855); Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau, *L'Unité de l'Espèce Humaine* (Paris, 1861); Louis Agassiz, *Voyage au Brésil* (trad., 1869); e menciona o etnólogo Augustus Henry Keane e antropólogo Gustave Le Bon.

33 RODRIGUES, 2008, p. 1.153.

34 RODRIGUES, 2008, p. 1.154.

so, à degenerescência física e psíquica é das mais acentuadas.³⁵

A referência ao “tipo médio” dessa passagem merece uma observação particular. Cabe destacar pistas da economia moral da ciência oitocentista presente nesse trecho. Vimos anteriormente como Canguilhem mostrou que a medicina, no século XIX, estabeleceu a partilha entre o normal e o patológico a partir da definição de variações quantitativas para os fenômenos normais e patológicos, daí essas categorias determinarem o tipo médio da população, ou seja, em termos quantitativos, o que seria o mais frequente. É nesse termo que podemos analisar o pensamento médico de Nina Rodrigues e sua reclamação pela produção de dados estatísticos e outras quantificações para as suas análises; observamos isso por diversas vezes, quando discutia as estatísticas fornecidas pelos alienistas de São Paulo e Rio de Janeiro, sobre os casos da paranoia nos negros³⁶, a frequência de glaucoma na população negra e mestiça e lamentava a falta de estatísticas para fazer um exame comparativo da criminalidade baiana.

O desvio e a normalidade no pensamento médico de Nina Rodrigues

Em seu texto *A Economia Moral das Ciências*, Lorraine Daston, contribui para essa análise quando identifica a quantificação como compatível com uma economia moral e que exige economias morais. “Economias morais” entendida como estados mentais de coletivos, particularmente coletivos de cientistas, em uma ampliação da terminologia de Ludwik Fleck³⁷ “coletivo de pensamento” para “coletivo de sentimento e de pensamento”³⁸. São os modos de ver, manipular e compreender que formam esses coletivos de cientistas. O que é interessante, portanto, é como o pensamento médico estabelece o normal e o patológico a partir de uma perspectiva quantitativa, porque pertence a essa economia moral. O objetivo da quantificação, então, fica claro, uma vez que Nina Rodrigues, ao priorizar a frequência e a estatística, tem como objetivo

35 RODRIGUES, 2008, p. 1.155.

36 Ver: PEREIRA, Ana Cláudia Costa. Uma análise psicopatológica: Nina Rodrigues e a sua preocupação com negros e mestiços no Brasil. In: *Negros e Mestiços no Pensamento Médico de Nina Rodrigues*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022

37 Ver: FLECK, Ludwik. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico: Introdução à Doutrina do Estilo de Pensamento e do Coletivo de Pensamento*. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010.

38 Ver: DASTON, Lorraine. *A Economia Moral da Ciência*. In: DASTON, Lorraine. *Historicidade e Objetividade*. São Paulo: Liber Ars, 2017.

não “assegurar convicção individual, mas sim assegurar a aquiescência de um eleitorado diverso e fragmentado.”³⁹ É em busca da constituição de um saber que essa sociabilidade do conhecimento tem sentido. A quantificação exige outras economias morais que conferem um valor objetivo a essa produção de conhecimento, a exemplo da imparcialidade e da impessoalidade. Portanto, Daston afirma, o “ponto aqui é que impessoalidade e imparcialidade são cultivadas por quantificadores tanto por razões morais quanto funcionais”. A quantificação funciona como uma forma legítima da veracidade do enunciado. É por esse motivo que nos trabalhos de Nina Rodrigues, a enunciação em forma de “tipo”, de “frequência” e de “estatística” faz parte do processo cognitivo científico da época. Falar em “tipo médio” da população mestiça de Serrinha ⁴⁰com a proposta de demonstrar que ela, na verdade, não se diferia em nada da população “mestiça” brasileira é apreender em termos de quantificação um suposto “desvio”, que precisa voltar para a “curva” da criminalidade atribuída aos negros e mestiços. Reunia-se a esse pensamento médico quantificador uma condição patológica, a de degeneração.

A “degenerescência”, como destacada pelo autor, exprime bem a partir de qual formulação teórica orienta suas pesquisas de campo nessa região. O que o médico chama de “tendência a degenerescência” funciona como um contra-argumento à possibilidade de uma perspectiva positiva desta população. Para isso, Nina Rodrigues opta por apresentar os casos atingidos por formas degenerativas mais evidentes, excluindo “os casos nos quais a degenerescência não se revestiu de formas mórbidas suscetíveis de serem reconhecidas”⁴¹. Por outro lado, aceitou:

como estando em estado normal todos os indivíduos que, ainda não tendo sido submetidos a um exame médico, atualmente passam por sãos e normais, assim como crianças cuja insuficiên-

39 DASTON, 2017, p. 47.

40 Ver página 14.

41 RODRIGUES, 2008, p. 1.155.

cia mental pode não ter se revelado ainda.⁴²

A necessidade do crivo médico para estabelecer o estado de normalidade da população era fundamental para Rodrigues. Ademais, é a partir da noção de “propensão” que o médico pode incluir sempre um indivíduo normal como um possível anormal nessa população. É a anterioridade histórica desse conceito⁴³ que permite ao médico fazer essa relação, mas com uma flexibilidade normativa em que o normal sempre pode se constituir enquanto anormal, considerando o determinismo hereditário ao qual está submetido.

Em suas observações, Rodrigues destaca a frequência de algumas doenças, como a epilepsia, assim como outras “degenerescências físicas e mentais”⁴⁴, desde “verdadeiras monstruosidades até simples estigmas de degenerescência, tais como lábio leporino, palato fendido, surdo-mudez, associam-se a numerosas manifestações de degenerescência inferior”⁴⁵. Todo esse conjunto de características representa algum tipo de “predisposição” a algum problema social comportamental:

As causas reais das manifestações mórbidas ou de degenerescência estudadas na população de Serrinha devem ser mais longínquas e mais poderosas, e essas causas não são outras senão as más condições nas quais se efetivaram os cruzamentos raciais dos quais saiu a população da localidade analisada.⁴⁶

42 RODRIGUES, 2008, p. 1.112. Esse trecho é um fragmento do texto publicado em francês, pois o texto traduzido do qual disponhamos não apresenta todas as páginas do original republicado pela revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, apresentando sempre uma descontinuidade entre uma página e a seguinte. A versão traduzida ver: scielo.br/j/hcsm/a/mxYFjnPKvMdtpvnr4q7v6kL/?format=pdf&lang=pt. O trecho em original: “J’ai accepté également comme étant en état normal tous les individus qui n’ayant pas encore été soumis à un examen médical passent actuellement pour sains et normaux, de même que les enfants chez lesquels l’insuffisance mentale peut ne s’être pas encore montrée”. Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Métissage, Dégénérescence, et Crime. Archives d’Anthropologie Criminelle. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2008, v. 15, n. 4, p. 1.104-1.150, out.-dez. 2008.

43 Por anterioridade histórica entendemos a discussão em termos canguilhemiano. Para mais informações ver: PEREIRA, Ana Cláudia Costa. *Negros e Mestiços no Pensamento Médico de Nina Rodrigues*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022.

44 RODRIGUES, 2008, p. 1.157.

45 RODRIGUES, 2008, p. 1.158.

46 RODRIGUES, 2008, p. 1.161.

A mestiçagem enquanto polo negativo é, para Nina Rodrigues, elemento definidor das qualidades físicas e morais dessa população. Embora considere que a degenerescência nos mestiços seja um fenômeno complexo, que não se reduziria a manifestações mórbidas irreversíveis, devido a sua característica “proteiforme”⁴⁷, ou seja, às formas diferentes que pode tomar, inclui dentre elas “as brilhantes manifestações de inteligência”⁴⁸, tão possíveis quanto as “manifestações estridentes da degenerescência-enfermidade”⁴⁹. Essa posição desconsidera qualquer possibilidade de viabilidade de uma população mestiça para o autor. Isso porque:

Um estudo metuculoso e profundo de mestiços talentosos ou altamente inteligentes seria instrutivo a este respeito e útil.

Pelo menos é o que podemos concluir do pouco que sabemos sobre nossos homens mestiços dotados de grandes habilidades. Os três irmãos Rebouças foram muito notáveis. Um deles era médico e professor da Faculdade da Bahia; outro, engenheiro, foi professor da Politécnica do Rio de Janeiro; o terceiro foi um eminente jurista. São eles em geral citados entre nós como sendo a negação mais formal da degenerescência dos mestiços. Mas esquece-se facilmente, ou finge-se ignorar, que o médico foi atingido pela loucura, e dela morreu, e que o engenheiro recentemente pôs fim a sua vida, recorrendo ao suicídio. Silva, também professor na Faculdade da Bahia, é outro mestiço notável pelo talento, apresentado como prova do valor da mestiçagem. Ora, todos sabem que Silva morreu de uma mielite, e sua degenerescência genésica que fazia dele um homossexual ativo é notória. O eminente Barreto, um de nossos mestiços de maior valor intelectual, levou sempre uma vida desregrada e morreu em consequência dela.⁵⁰

Portanto, a loucura, o suicídio, a doença e o desregramento desses sujeitos são produto da condição degenerativa que os atingem, estando evidente para os olhares clínicos, mas não para o olhar “superficial” de quem desconsidera esse fator.

47 RODRIGUES, 2008, p. 1.157.

48 RODRIGUES, 2008, p. 1.161.

49 RODRIGUES, 2008, p. 1.161.

50 RODRIGUES, 2008, p. 1.163. Nina Rodrigues menciona os irmãos André Pinto Rebouças, Antônio Pereira Rebouças e José Pereira Rebouças; o jurista Tobias Barreto de Meneses; e o professor da Faculdade da Bahia, nomeado apenas como “Silva”, o qual não identificamos de quem se tratava.

Estabelecendo relações paradoxais é que o autor pôde argumentar que considerar a população mestiça como um conglomerado de doentes ou anormais seria injusto, pois uma manifestação degenerativa compreenderia, na verdade, uma debilidade congênita, um desequilíbrio natural que age pela decadência da raça sem ser incompatível com a existência de saúde. Podemos perceber isso com o desregramento, por exemplo, não considerado uma doença, mas um traço de degenerescência. Podendo coexistir com a degeneração, a saúde é sempre um adormecimento da “predisposição”, noção que pode incluir a qualquer momento um sujeito mestiço.

A propensão a algum tipo de reação ou ação necessita também de um meio particular. A Serrinha, local onde Nina Rodrigues focalizou suas investigações, apresenta, segundo ele, uma criminalidade muito baixa se comparada a população mestiça do país, lamentando não poder fazer um exame comparativo da criminalidade baiana, em razão da falta de estatísticas que permitissem esse empreendimento. Contudo, de acordo com Rodrigues, os ensaios realizados sobre essas informações “autorizam apenas a confirmar, de maneira geral, as conclusões às quais chegaram em seus estudos” alguns pesquisadores estrangeiros do tema e como demonstram alguns levantamentos de juristas brasileiros, de que “o tipo violento predomina na criminalidade da população de cor.”⁵¹ Comprometido em desenvolver o tema nesse estudo, Rodrigues inicia o tópico:

CRIME. A criminalidade dos povos mestiços ou de uma população composta como a do Brasil é do tipo violento: é um fato que nos parece suficientemente comprovado. A impulsividade das raças inferiores certamente representa um fator importante neste tipo de crime, mas é fácil entender que a impulsividade criminoso pode ser e em grande medida será apenas uma simples manifestação da anomalia que torna os criminosos seres que não podem se adaptar ao seu ambiente social, refratários como são

51 Nina Rodrigues aponta a falta de rigorosidade das estatísticas dos estudos que autorizam essa conclusão. As referências do autor para a questão são Herbert Spencer, Fournier de Flaix, Adolf Kocher, Louis Bertholon, Louis Lorion, Gentini, Armand Corre. Dentre as estatísticas nacionais destacam-se as de Clóvis Beviláqua, Candido Mota e Saraiva Salvinho.

às regulamentações sociais sob as quais deveriam viver⁵².

Com o objetivo de demonstrar que a criminalidade é de fato manifestação da degeneração causada pelo cruzamento, Nina Rodrigues apresenta a história de duas famílias, em que analisa os indivíduos que cometeram crimes, bem como a história familiar deles, por meio de tabelas genealógicas. Estas, de acordo com o autor, poderiam iluminar as causas dos crimes, comprovando a associação destes com graves manifestações mórbidas de degeneração física e psíquica. O que o autor chama de impulsividade criminoso é, portanto, uma anomalia equivalente a outras formas degenerativas às quais o crime pode, segundo ele, aliar-se ou alternar-se em uma mesma família. Para o autor, apesar da degeneração ser um fator determinante da criminalidade nos mestiços, isso não significaria necessariamente um índice elevado dessas transgressões nessa população, pois a degeneração poderia adquirir outras formas, como um estado de loucura⁵³.

A categoria de “normal” e “anormal” orientaram as pesquisas de Nina Rodrigues, uma vez que utilizou métodos que considerava cientificamente confiáveis que determinariam quem seria normal ou não, um exemplo disso são as medidas craniométricas, baseadas no sistema classificatório de Paul Broca⁵⁴. Os critérios de identificação, segundo esse sistema, eram: o peso do cérebro, ou sua estimativa pela capacidade craniana; as medidas cranianas – diâmetros anteroposteriores, transversal, vertical, frontal, occipital etc.; as medidas da

52 RODRIGUES, 2008, p. 1.131-1.132. O trecho em original:

“**CRIME.** – La criminalité des peuples métis ou de population composite comme celle du Brésil appartient au type violent : c’est un fait qui nous paraît suffisamment démontré. L’impulsivité des races inférieures représente certainement un facteur de premier ordre dans ce type de leur criminalité, mais on comprend facilement que l’impulsivité criminelle peut être et ne sera en grande partie que d’une simple manifestation de l’anomalie qui fait que les criminels sont des êtres qui ne peuvent s’adapter, se faire à leur milieu social, réfractaires qu’ils sont à la réglementation sociale sous laquelle ils devraient vivre.” Ver: RODRIGUES, Raimundo Nina. *Métissage, Dégénérescence, et Crime*. Archives d’Anthropologie Criminelle. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2008, v. 15, n. 4, p. 1.104-1.150, out.-dez. 2008.

53 Essa colocação de Nina Rodrigues se deve às conclusões que chega sobre a avaliação da taxa de criminalidade da localidade da Serrinha. Ver: PEREIRA, Ana Cláudia Costa. *Negros e Mestiços no Pensamento Médico de Nina Rodrigues*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022.

54 Pierre Paul Broca (1824-1880) foi um anatomista, cirurgião e antropólogo francês. Iniciador da versão moderna da teoria das localizações cerebrais, foi pioneiro no estudo da antropologia física. Durante sua vida, fundou a Sociedade Antropológica de Paris, em 1859; a *Revue d’Anthropologie*, em 1872; e a Escola de Antropologia de Paris, em 1876. É também considerado o responsável pelo progresso da antropometria craniana por desenvolver novos tipos de instrumentos de medida, como cronômetros e índices numéricos.

face; a largura bizigomático; o comprimento e a largura do nariz; a medida do maxilar e da mandíbula; dentre outros. A partir de um aparato taxonômico baseado em estigmas físicos, acreditava-se que era possível detectar traços dos ancestrais primitivos nos sujeitos contemporâneos que justificariam a tendência à loucura e ao crime. A antropologia criminal tem aí sua contribuição. Enquanto disciplina, aglutinou antropometria, atavismo, degeneração, criminalidade e loucura. Iniciador do campo, Cesare Lombroso⁵⁵ foi uma importante referência para Nina Rodrigues, embora não em número de menções ou discussões diretas com obras do médico italiano. No que toca à aceitação da teoria do criminoso nato, a ideia de atavismo, os estigmas físicos e a antropometria, Rodrigues as integra em suas investigações.

Destacamos também o papel que o debate sobre a degenerescência exerceu em seus estudos. Essa teoria, enquanto modelo explicativo, constituiu-se como um dos eixos centrais no desenvolvimento da psiquiatria. Tematizada pelas principais escolas do campo psiquiátrico, como a francesa, a alemã e a italiana, repercutiu dentro e fora do âmbito europeu, como teoria que elucidaria a etiologia das doenças mentais.⁵⁶ Maria Odila Oda, em sua tese de doutorado, *Alienação Mental e Raça: a Psicopatologia Comparada dos Negros e Mestiços Brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*, faz uma observação interessante sobre a indistinção em que eram usados os termos “degenerescência” e “degeneração” nos textos dos alienistas franceses e brasileiros da segunda metade do século XIX – consideração que podemos verificar, principalmente, na leitura dos trabalhos de Rodrigues, em que os termos aparecem alternados sem mudança de sentido, sendo empregados como sinônimos. Essa alternância, de acordo com a autora, deve-se à incorporação ao léxico nacional da palavra *degenerescência* dada ao termo em francês *dégénérescence*, ao passo que a palavra *degeneração* corresponderia ao termo luso-brasileiro. A aplicação indiferenciada que quando examinamos trabalhos como os de Nina Rodrigues percebemos o alcance e a recepção da teoria no campo médico

55 O italiano Cesare Lombroso (1836-1909) foi médico, professor universitário e criminologista. Estabeleceu a disciplina nomeada antropologia criminal, que se tornou muito famosa a partir do último quarto do século XIX. Preocupado em estudar o homem delincente, formulou a teoria do criminoso nato, conferindo-lhe características morfológicas por meio da noção de atavismo, que se referia ao retorno a formas primitivas dos antepassados.

56 Ver: ODA, Ana Maria G. R. *Alienação Mental e Raça: A Psicopatologia Comparada dos Negros e Mestiços Brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Médicas). Universidade Estadual de Campinas São Paulo, 2003.

brasileiro do século XIX⁵⁷.

É importante marcar que o período de intensa publicação na revista médica *Annales Médico-Psychologiques* sobre o problema da degeneração, sobretudo entre 1870 e 1890, período em que há uma multiplicação de quadros patológicos na classificação psiquiátrica, Nina Rodrigues integra o quadro de colaboradores nas publicações de estudos sobre o tema. Enquanto programa de pesquisa, o problema da degeneração, permitiria acrescentar indefinidamente patologias no campo psiquiátrico, assim como possibilitaria a definição de “anomalias físicas, mentais e morais, circular entre o espaço estritamente médico e as intervenções sociais”⁵⁸.

Se, como coloca Caponi, “esse programa reforçava a crença de neurologistas e psiquiatras de que, mais cedo ou mais tarde, seria possível achar no corpo, particularmente no cérebro e nas conexões neurais, a explicação para os mais variados desvios de conduta”⁵⁹, para Nina Rodrigues, era a raça mais um elemento fundamental para essa explicação. É importante enfatizar que as categorias de anormal e normal, tomadas por Nina Rodrigues como parâmetro para suas investigações científicas, estão relacionadas justamente a uma análise psicológica das anomalias mentais que contribuiria para os exames médico-legais a partir de um conhecimento rigidamente científico. É importante, portanto, destacar como as categorias, de normal, anormal e patológico são fundamentais para analisarmos a sua avaliação médica sobre os sujeitos negros e “mestiços” da sociedade brasileira.

57 É oportuno destacar que Sandra Caponi, em seu livro *Loucos e Degenerados: Uma Genealogia da Psiquiatria Ampliada*, ao analisar as transformações ocorridas no conceito de degeneração no que compete ao discurso psiquiátrico, localiza o ingresso do conceito no campo médico com Bénédicte-Augustin Morel, mas destaca que, como saber legítimo e consolidado, só aparece com Valentin Magnan e seus seguidores. É importante assinalar que ambos “conservam a ideia, esboçada por Cabanis, da necessidade da realização de estudos de anatomopatologia cerebral para se explicarem as patologias mentais”. De acordo com a autora, é a partir do estudo desse último médico que a temática da degeneração adentra o domínio discursivo do saber médico e da psiquiatria, abandonando o espaço da história natural. Ver: CAPONI, Sandra. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

58 CAPONI, 2012.

59 CAPONI, 2012.

Considerações finais

Ao examinarmos as obras de Nina Rodrigues identificarmos como os negros e os “mestiços” foram colocados no discurso científico no campo médico. Tratou-se de entender as condições que permitiram que a raça e a mestiçagem – e, portanto, para nós, esses sujeitos – fossem pensadas como objetos científicos no Brasil do século XIX. Desse modo, defendemos que os esforços de Nina Rodrigues foram em direção a uma associação entre raça, crime e doenças, acreditando que esses temas deveriam ser tratados de modo científico; daí a necessidade de uma classificação racial, que iluminaria o campo médico e o estudo das doenças no Brasil.

Quando recuperamos produções como as de Nina Rodrigues, em que dedicou tantas páginas aos “problemas” do negro e do mestiço, percebemos como foi possível, a partir de uma economia moral da biologização, a formação do processo de “naturalização”. Foi a partir das preocupações em compreender a “natureza”, definida como inferior e atrasada, do negro e dos “mestiços” que estes foram posicionados dentro do discurso médico como objetos de saber. É pertinente localizarmos esse discurso realizado por um pesquisador e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, que desenvolveu trabalhos científicos em intersecção com a medicina legal, a antropologia e a psiquiatria, produzindo artigos que foram veiculados em periódicos médicos nacionais e internacionais, o qual ocupou cargos importantes academicamente, portanto, um discurso de autoridade.

Ademais, destacamos que a determinação social das categorias médicas de “saúde” e “doença”, sobretudo porque integram as discussões sobre norma, normal e anormal, são fundamentais para nossa análise. Por esse motivo, Georges Canguilhem contribuiu sobremaneira para refletirmos sobre categorias no pensamento médico de Nina Rodrigues, em particular, e, de modo geral, na medicina do século XIX, no Brasil. O filósofo ao tratar da definição de normal a partir de uma análise ao mesmo tempo psicológica e social, nos ajuda a refletir sobre questões que se fazem presentes no nosso objeto. Segundo esse autor, “a definição psicossocial do normal a partir do adaptado implica uma concepção da sociedade que o identifica sub-repticiamente e abusivamente com o meio, isto é, com um sistema de determinismos.”⁶⁰ Dessa forma, a inadaptação social definida como anormalidade pressupõe que o indivíduo “deve aderir à maneira de ser de determinada sociedade, e, portanto, adaptar-se a ela como uma realidade que seria, ao mesmo tempo, um bem.”⁶¹

60 CANGUILHEM, Georges. O normal e o patológico. 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011, p. 193.

61 CANGUILHEM, 2011.

Quando localizamos a definição de normal aplicada por Rodrigues em suas investigações, relacionadas aos aspectos psicológicos e sociais com que analisou a sociedade brasileira, percebemos como o “meio” é, consequentemente, associado a um quadro determinista em que a anormalidade surge como uma inadaptação social e, por outro lado, uma inadaptação “natural”. Isso explica-se por que o negro e o mestiço são ao mesmo tempo as duas coisas, um inadaptado “natural” e social. Determinados em primeiro lugar pela raça podemos concluir que a população marginalizada da pós-abolição e da República, emergiu do novo sistema político de igualdade formal para outro tipo de coerção dos seus corpos, gestos e comportamentos, que apareceram em observações e exames médicos do século XIX.

Fontes

- RODRIGUES, Raimundo Nina. *As Coletividades Anormais*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2006. (Edições do Senado Federal).
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1938.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. 4. ed. Salvador: Livraria Progresso, 1957.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *Métissage, Dégénérescence et Crime. Archives d'Anthropologie Criminelle*. Lyon, 1899;
- RODRIGUES, Raimundo Nina. Mestiçagem, Degenerescência e Crime. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1151-1182, out.-dez. 2008.

Referências

- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CAPONI, Sandra. Biopolítica e medicalização dos anormais. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 529-549, 2009.
- CAPONI, Sandra. Magnan e A classificação das patologias psiquiátricas. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 167-182, jul.-dez. 2011.
- CAPONI, Sandra. *Clasificaciones, acuerdos y negociaciones: bases de la primera estadística internacional de enfermedades mentales* (París, 1889).

- Dynamis 2012; 32 (1): 185-207.
- CAPONI, Sandra. Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.
- CORRÊA, Mariza. As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. 2. ed. Bragança Paulista, EDUSE, 2001.
- CORRÊA, Mariza. Livros Esquecidos de Nina Rodrigues. Gaz. Méd. Bahia 2006;76: Suplemento 2:S60-S62.
- CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a “garantia da ordem social”. Revista USP, São Paulo, n. 68, p. 139, dez.-fev. 2005/2006
- DASTON, Lorraine. Biographies of Scientific Objects. Chicago: University of Chicago Press, 2000. p. 1-4.
- DASTON, Lorraine. Historicidade e Objetividade. São Paulo: Liber Ars, 2017.
- EDLER, Flávio C. O Debate em Torno da Medicina Experimental no Segundo Reinado. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, III (2):284-299, jul.-oct. 1996.
- EDLER, Flávio C. A Medicina Brasileira no Século XIX: Um Balanço Historiográfico. Asclepio, V. 2, 1998, p. 169-186.
- EDLER, Flávio C. A Escola Tropicalista Baiana: Um Mito de Origem da Medicina Tropical no Brasil. História, Ciências, Saúde Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 357-85, maio-ago. 2002.
- FLECK, Ludwik. Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico: Introdução à Doutrina do Estilo de Pensamento e do Coletivo de Pensamento. Belo Horizonte: Fabrefactum Editora, 2010.
- FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicina Social. In: Microfísica do Poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Os Anormais: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade (org.). Médicos Intérpretes do Brasil. São Paulo: Hucitec, 2017.
- LIMA, Lamartine de Andrade. Roteiro de Nina Rodrigues. Salvador: CEAO-UFBA, 1980
- MAIO, Marcos C. A Medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma Trajetória Científica. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p. 226-237, apr/jun. 1995.
- ODA, Ana Maria G. R. Alienação Mental e Raça: A Psicopatologia Comparada dos Negros e mestiços Brasileiros na Obra de Raimundo Nina Rodrigues. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

ODA, Ana Maria G. R. Sobre o Diagnóstico Diferencial entre a Histeria e a Beribéri: As Epidemias de Caruara no Maranhão e na Bahia, nas Décadas de 1870 e 1880. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 135-144, oct/dez. 2003.

ODA, Ana Maria Galdini R.; DALGALARRONDO, Paulo. Uma Preciosidade da Psicopatologia Brasileira: A Paranoia nos Negros, de Raimundo Nina Rodrigues. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, VII, n. 2, 147-160, jun. 2004.

PEREIRA, Ana Cláudia Costa. Negros e Mestiços no Pensamento Médico de Nina Rodrigues. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Homens de Ciência e a Raça dos Homens: Cientistas, Instituições e Teorias Raciais no Brasil do Final do Século XIX*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em 03 de fevereiro de 2023
Aprovado em 19 de julho de 2023

ANA CLÁUDIA COSTA PEREIRA